

A Musicoterapia no Centro-oeste do Brasil e a Professora Dra. Lia Rejane Mendes Barcellos: Tecendo Caminhos¹

Eliamar A. B. Fleury

Fernanda Valentin

Tereza R. M. Alcântara Silva

Escrever sobre a professora Dra. Lia Rejane Mendes Barcellos, para mim, é sempre uma alegria e também muita responsabilidade, tamanha sua contribuição à construção e expansão científica da Musicoterapia brasileira. Com esse reconhecimento é que, ao relatar sobre a professora Lia Rejane e sua história na Musicoterapia no estado de Goiás, é impossível deixar de tratar, ainda que de forma breve, sobre a história dessa construção, devido ao importante papel que a professora desenvolveu nessa nossa trajetória.

Assim, inicialmente falo a partir do lugar de aluna², inquieta por beber na fonte, uma fonte que nos era apresentada vivamente, de forma comprometida, séria e ética. Ética nas relações, ética no cuidar, ética no ensinar, ética no construir. E é desse lugar que vou historiando, para depois, em parceria com estimadas colegas, as professoras Fernanda Valentin e Tereza Raquel, ambas egressas do curso de graduação em Musicoterapia da Universidade Federal de Goiás (UFG), darmos sequência no campo da atualidade, apontando a relevância científica que a professora Lia Rejane nos apresenta, bem como a contribuição teórica dos

¹Trabalho inscrito no Concurso Lia Rejane Mendes Barcellos: vida e obra, realizado no IV Seminário Estadual de Musicoterapia, celebrado entre os dias 6 e 8 de setembro de 2018, em comemoração aos 50 anos da AMT – RJ.

² Naquela ocasião já com título de Bacharel em Piano e Licenciatura em Música.

conceitos que aborda e que são trabalhados na Graduação em Musicoterapia da UFG e transcendendo à Graduação, reluzindo também nas Pós Graduações/UFG. Assim como outrora, igualmente continuamos a beber dessa fonte de conhecimento que Lia Rejane nos proporciona e a qual temos a responsabilidade científica de compartilhar com nossos estimados graduandos e pós-graduandos.

Historiando 1: memórias que constroem

Foi no final dos anos de 1980, por volta de 1987, que conheci a estimada professora Lia Rejane, quando ela vinha a Goiânia ministrar cursos introdutórios sobre Musicoterapia. Suas vindas ocorreram primeiramente por meio de um pequeno grupo de pessoas interessadas em compreender sobre musicoterapia. Esta proposta se frutificou e, no terceiro ano dessas atividades, contando com um grupo maior de pessoas, esse movimento passou a ser articulado por meio da Associação Goiana de Musicoterapia³ wem parceria com a Universidade Federal de Goiás (COSTA, 2013).

Fizeram parte dessa valorosa trajetória da Musicoterapia em Goiás tantas outras importantes musicoterapeutas, pertencentes a outros estados brasileiros e igualmente atuantes e reconhecidas no cenário da Musicoterapia brasileira. Para não correr o risco de ser injusta e deixar de citar nomes por questões de memória, citarei aqui somente a presença tão marcante da querida professora Cecília Conde. Assim contávamos com uma dupla de professoras que nos proporcionava momentos de profundas e inesquecíveis vivências, trabalhando em nós, suas alunas⁴, a sensibilidade profunda, tecida pela professora Cecília Conde e a sustentação científica, apresentada com muita propriedade pela professora Lia Rejane. Podíamos dessa forma, como profissionais atuantes na área da Música, vivenciar diferentes situações que esta arte nos possibilitava, fosse ao utilizarmos os instrumentos musicais nas vivências ou por meio da audição de composições musicais escolhidas cuidadosamente para nossas práticas. E, certamente, após cada experiência, a fundamentação teórica nos era apresentada com muita propriedade.

Não demorou muito, estávamos às voltas com a possibilidade de criarmos o primeiro curso de Especialização em Musicoterapia na Educação Especial,

³ Fundada em 1990, com o nome de Associação Goiana de Musicoterapia.

⁴Na ocasião, éramos todos profissionais atuantes em áreas da Música, com formação em nível superior em Música ou com graduação em outra área, porém com conhecimento musical.

contando com o profundo empenho da professora Leomara Craveiro, docente da UFG. Dessa forma, com muita dedicação a esse projeto para que a UFG pudesse abarcar mais essa nova empreitada, professora Leomara, mostrando à comunidade acadêmica a importância da oferta da referida Especialização, conseguiu outros professores da UFG que abraçaram a ideia e o primeiro curso de Especialização foi oferecido. Em todo esse processo, contávamos com a participação da professora Lia Rejane no cuidado meticuloso com a formação e orientações sobre disciplinas que seriam necessárias para abarcar o conhecimento teórico, científico e metodológico pertinente, sempre enfatizando a relevância imprescindível dos estágios de musicoterapia.

Além da participação na elaboração do pré-projeto e já em fase mais avançada, ou seja, com a oferta do curso sedimentada, a professora Lia Rejane fez parte da comissão que elaborou os critérios de avaliação das habilidades musicais e também compôs a banca examinadora na seleção realizada pela UFG.

Com o curso já em desenvolvimento, era muito inovador e incentivador, do ponto de vista científico, sermos brindadas com conhecimento sempre atualizado, abordado com propriedade nas discussões em que nos eram apresentados teóricos nacionais e produções científicas de sua autoria, como é o caso do artigo Atividades Realizadas em Musicoterapia (BARCELLOS, 1980) e A Musicoterapia no Tratamento do Distúrbio de Conduta do Paralisado Cerebral (BARCELLOS, 1975), monografia de sua autoria.

Como se não bastasse, professora Lia Rejane nos contemplava com conhecimentos de teóricos internacionais como Even Ruud, Rolando Benenzon, Edith Lecourt, Di Franco, Kenneth Bruscia, Helen Bonny, para citar alguns. Assim, entre os anos de 1993 e 1995, período de duração dessa primeira Especialização, nos era mostrado um arcabouço científico sobre a Musicoterapia.

O conteúdo inúmeras vezes era apresentado em tela de retroprojeto, na sala 10 da Escola de Música⁵ /UFG. Vale lembrar que a ausência de internet não servia como impedimento para tomarmos conhecimento sobre o que havia de mais atualizado fosse a nível nacional e/ou internacional acerca da Musicoterapia, uma vez que a professora Lia Rejane nos proporcionava essa fundamentação, nos mostrando que a nossa fonte bebia de todas as fontes, não importava a distância geográfica. Assim, se constituía o conhecimento científico da Musicoterapia no centro-oeste brasileiro, com conteúdos bastante atualizados na área.

⁵ Atual Escola de Música e Artes Cênicas.

Após o encerramento da primeira Especialização, ocorreram mais duas outras Especializações (em Musicoterapia na Educação Especial e Musicoterapia em Saúde Mental), e, conforme Zanini (2005), as produções científicas abordaram temas variados na área de Educação Especial, resultando em vinte e três monografias. Na área de Saúde Mental a produção científica foi ampliada, abordando sobre autismo, câncer, distúrbios de conduta, alcoolismo, esquizofrenia, depressão, pré-cirurgia em pediatria, psicoterapia corporal e familiar associados à Musicoterapia, resultando assim, em outras doze monografias (ZANINI, 2005).

Nessas três turmas de Especialização, a professora Lia Rejane participou ativamente. Além das aulas em formato de módulos que ocorriam aos finais de semana e nas quais eram sempre associadas teoria e prática, ela supervisionava os estágios e orientava Monografias, tarefas que eram divididas com outras professoras musicoterapeutas⁶.

Com início no ano de 1996 e por três anos consecutivos, desenvolvemos, pela Universidade Federal de Goiás, a pesquisa A Musicoterapia na Neuropsiquiatria Infantil: os estados autísticos, atendendo a um total de 13 crianças e seus pais. Foi a partir desse projeto, de autoria da professora Leomara Craveiro, que ocorreu a criação do Laboratório de Musicoterapia da UFG, atual Clínica Escola de Musicoterapia. E novamente a professora Lia Rejane esteve disponível nos acompanhamentos desse processo, desde a elaboração do pré-projeto, culminando no trabalho de supervisão clínica dos atendimentos musicoterapêuticos.

Todo esse trabalho trouxe bons frutos e no ano de 1996, a Escola de Música/UFG, por meio de Portaria, constituiu uma comissão para estudos sobre a viabilização da implantação do curso de Graduação em Musicoterapia (COSTA, 2013). Em 1998, uma segunda comissão foi criada e, após a aprovação do projeto, seguindo os trâmites necessários, em 1999 deu-se início ao curso de Graduação em Musicoterapia, com a oferta de vinte vagas, sendo o primeiro e, até aquele momento, o único curso de Graduação em Musicoterapia em uma Instituição de Ensino Federal/IES, do Brasil (ZANINI, 2005). A partir de então, nosso foco foi a Graduação e as Especializações não se seguiram.

Aporte teórico: Contribuições na Graduação/UFG

⁶ Nesse período foram mais presentes as professoras Ana Sheila Tangarife e Martha Negreiros.

Para ilustrar algumas das contribuições teóricas de Lia Rejane que são trabalhadas na atualidade na Graduação em Musicoterapia/UFG, iniciamos citando a disciplina 'Clínica Musicoterápica: aspectos teóricos e práticos'. A oferta dessa disciplina ocorre no 4º período do curso, ocasião em que os alunos estão em Estágio de Observação na Clínica Escola de Musicoterapia/UFG.

Um dos conteúdos trabalhados na referida disciplina são as Etapas do Processo Musicoterápico, fundamentadas com base em outros autores e apresentadas no Cadernos de Musicoterapia 4, de autoria de Barcellos (1999). Os capítulos "Da Prática Clínica à Sistematização: um caminho para o desenvolvimento da Musicoterapia" e "Musicalidade Clínica", ambos do livro Musicoterapia: Alguns escritos (2004) complementam os conteúdos da referida disciplina.

O estudo das etapas do processo musicoterápico fornece ao estudante uma visão ampla, detalhada e sistematizada da atuação clínica. Essa confirmação pode ser observada em alguns depoimentos de graduandos, sobre como esse conteúdo (etapas do processo musicoterápico) contribuiu na sua formação:

Foi fundamental, pois é a partir do estudo das etapas do processo musicoterapêutico que conhecemos a história de vida e clínica do paciente. Temos contato com o paciente, o começo da formação de um vínculo (G1).

Me ajudou a ter uma visão ampla de todo o processo, desde como receber o meu paciente até sua alta. Posso me organizar de todas as formas possíveis para enfrentar o processo, tendo muita percepção do andamento das etapas, com muita serenidade, cautela, respeito, confiança e profissionalismo (G2).

O estudo me proporcionou segurança de como realizar o atendimento, desde as responsabilidades burocráticas, terapêuticas e com a família (G3).

A visualizar melhor todas as etapas da prática clínica musicoterapêutica e todo o processo, desde a anamnese até a devolutiva aos pacientes. A obtenção desses conhecimentos me proporcionou mais segurança e confiança na minha futura prática profissional como musicoterapeuta (G4).

A estruturação apresentada pela autora (BARCELLOS, 1999), além de possibilitar o discernimento do processo de tratamento musicoterápico, oportuniza a ampliação das discussões e inserção de temas pertinentes, seja numa abordagem

teórica ou em atividades práticas como é o caso da musicalidade clínica referida anteriormente. Isso pode ser observado no relato de G5:

Me ajudou a entender o processo musicoterapêutico e suas etapas, a entender que preciso olhar para o meu paciente e sua família com sensibilidade e respeito, me ensinou a fazer os relatórios que são muito importantes para armazenar dados do processo, além das experiências musicais que me ajudaram a evoluir um pouco mais no instrumento e me familiarizar com ele (G5).

Lia Rejane, assim como outros teóricos, reflete sobre a prática clínica em musicoterapia, mostrando sua inquietude de sempre no que diz respeito à fundamentação teórica da área. Nesse caminhar, Rejane (como também costumamos chamá-la) vai tecendo fios, construindo pontes entre o velho e o novo, entre áreas, entre teóricos e assim, segue compondo uma sábia união, paradoxalmente simples e complexa. Como ela mesma refere “mas seria importante se voltar aos dois leitos por onde correm as águas da musicoterapia - desde suas nascentes até o encontro das águas do mar, sem deixar de lado o fenômeno da pororoca, que em alguns momentos faz parte ou é o elemento principal dos ‘novos pensares’” (BARCELLOS, 2004, p.4). E segue alertando, “tanto são importantes e devem ser ouvidos os sons que vêm do leito do rio, - o espaço que se desenvolve a prática clínica -, quanto aqueles que são ouvidos advindos das margens desse leito e os procedimentos que envolvem essa prática” (BARCELLOS, 2004, p.4).

Recordo aqui um trecho de recente publicação como breve ilustração de seu debruçar teórico a partir dos acontecimentos clínicos. Rejane nos apresenta reflexões sobre uma experiência musical que poderia passar despercebida por muitos, porém, seu olhar investigativo e de longa experiência clínica mostraram ser um campo de teorização da musicoterapia. Refiro-me ao livro *Quaternos de Musicoterapia e Coda* (2016), mais especificamente ao capítulo intitulado *Dançando nas Poltronas: a cultura na “Musicoterapia Interativa” Brasileira*. Neste capítulo, ela nos apresenta uma definição que foi por ela proposta há dezessete anos, em 2001, ao perceber uma outra forma do paciente se relacionar com o instrumento musical, definindo, assim, a exploração musical em musicoterapia como:

Entendo a "exploração" de instrumentos, de voz, ou do corpo como instrumento, como uma das formas de utilização sonoro/rítmico/melódica/harmônica que, em muitos momentos, como no início

do processo ou de uma sessão, o musicoterapeuta propõe ou o paciente escolhe porque pode proporcionar: uma melhor aproximação com os instrumentos musicais, um "aquecimento" para o início de uma sessão, um momento consigo mesmo para uma abertura posterior sonoro musical em direção ao musicoterapia ou a outros participantes de um grupo, o desenvolvimento da percepção auditiva/visual e tátil ou, ainda, outros aspectos específicos que possam ser desenvolvidos, como o prazer, por exemplo (BARCELLOS, 2001, apud, BARCELLOS, 2016).

Igualmente aos conhecimentos apresentados anteriormente, a exploração musical é uma experiência discutida no curso de Musicoterapia da UFG, atestando aos graduandos a relevância do pensar sobre a atuação clínica e ilustrando o fato de que a aparente simplicidade apresentada na clínica musicoterapêutica necessita de reflexões em prol da fundamentação a partir do nosso fazer musical.

As contribuições de Lia Rejane à Musicoterapia brasileira são inúmeras, e no que se refere a Goiás, desde longas datas, ou seja, há aproximadamente 30 anos, essa relação vem se construindo com respeito mútuo e reconhecimento por seu aporte teórico.

Até aqui nos referimos ao emprego de suas reflexões teórico-práticas à Graduação. Entretanto, não poderíamos deixar de citar sua colaboração científica na fundamentação de Teses de Doutorado. Nesse sentido, sabemos que o crescimento do conhecimento em determinada área torna-se tão expansivo que requer, em certo ponto da história, a verticalização, atestando possuir fortes raízes, uma força advinda de inúmeros outros pensares.

É nessa perspectiva que a Musicoterapia Interativa, conceito fundamentado por Rejane no trabalho intitulado *Qu'est-ce que la Musique en Musicothérapie* e publicado em 1984, tornou-se título de tese de doutorado defendida no Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde, em 2018. Assim, o emprego das reflexões teóricas de Lia Rejane com aplicação voltada inicialmente à Escola de Música e Artes Cênicas/UFG, transpõe esses muros, e revisita a Faculdade de Medicina, em seu Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde.

Historiando 2: musicoterapia, musicoterapeuta Lia Rejane

Musicoterapia combina com Lia, de muitas obras detém autoria. Acaso a Musicoterapia, seria a mesma sem a Lia? Por certo não, pois Lia combina com Musicoterapia (Tereza Raquel).

Senti-me honrada com o convite para participar desta homenagem à professora Lia Rejane, possivelmente o primeiro contato que tive ao iniciar a minha

graduação em Musicoterapia na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, no ano de 1999, por meio dos Cadernos de Musicoterapia, publicados nos anos de 1992, 1999. Naquela época tínhamos poucas obras sobre musicoterapia publicadas em português. Na primeira oportunidade, comprei, de uma só vez, os quatro volumes. Li, reli, tentando fazer conexões racionais sobre a música em musicoterapia, pois estava no primeiro ano do curso. Posteriormente, tive conhecimento da Revista Brasileira de Musicoterapia e adquiri os dois ou três volumes até então publicados. Como hoje, me lembro do volume da capa amarela, um precioso artigo denominado: A Natureza Polissêmica da Música, que ela escreveu em parceria. Confesso que aquele artigo me deixou encantada e depois daquela primeira leitura, nunca mais o abandonei. Estava eu começando a minha jornada com a Profa. Lia Rejane. Não demorou muito e eu a conheci pessoalmente; fiquei muito honrada.

Outros encontros aconteceram em eventos, adquiri outras obras de sua autoria e, recentemente, em um evento de musicoterapia na Dinamarca, o seu nome foi citado como referência da musicoterapia brasileira. Confesso ter me sentido orgulhosa por dizer que a conhecia. Enfim, estamos diante de uma pessoa ética, musicoterapeuta incansável, de presença constante e marcante tanto em nível nacional como internacional, cuja contribuição para nossa área tem valor inestimável – Musicoterapia combina com Lia.

Suas contribuições para a Graduação em Musicoterapia da UFG são inestimáveis, assim como no PPG Música da UFG, sua participação é indispensável, com palestras, minicursos, participação em bancas de defesas dos alunos que desenvolveram e desenvolvem pesquisas que envolvem musicoterapia. Doutora, Professora, Musicoterapeuta Lia Rejane, como queiram chamar, é uma figura icônica na pesquisa, na docência, como autora, como representante nacional e internacional da Musicoterapia.

Enfim...

Em nome do Curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, aqui representado por nós, algumas de suas professoras, tecemos essa singela homenagem, mas de profundo reconhecimento a você, Lia Rejane. Sua contribuição científica à Musicoterapia nacional e

internacional é ímpar, e a cada leitura e releitura de suas publicações, a cada análise, certamente que descobriremos sempre algo novo.

Para Goiás, e temos a convicção de que não somos o único estado brasileiro que reconhece esse mérito, você representa um dos pilares que nos sustentou desde o início de nossas buscas, nos apontou caminhos e mostrou alternativas e nesse enraizamento, se faz muito presente na atualidade. Nosso profundo reconhecimento e gratidão por mostrar-nos a ciência da Musicoterapia!

Nossos sinceros agradecimentos às alunas: Eunívia, Esther, Lêza, Milenna e Jordana.

Referências

BARCELLOS, L.R. M. **Cadernos de Musicoterapia n. 4**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

_____. **Qu'est-ce que la Musique en Musicothérapie**. La Revue Française de Musicothérapie, v. 4., n. 4, 1984.

_____. **Atividades Realizadas em Musicoterapia**. Rio de Janeiro, agosto, 1980.

_____. **A Musicoterapia no Tratamento do Distúrbio de Conduta do Paralisado Cerebral**. Monografia de conclusão de curso. Conservatório Brasileiro de Música. Rio de Janeiro, 1975.

_____. **Quaternos de Musicoterapia e Coda**. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

COSTA, C. C. O. **Musicoterapia e Mercado de Trabalho em Goiânia: problemáticas, demandas e conquistas**. (Graduação). Universidade Federal de Goiás, 2013.

ZANINI, C. R. O. O curso de Musicoterapia da Universidade Federal de Goiás - a formação e a identidade profissional do musicoterapeuta. **REVISTA UFG**. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, v. 7, n. 2, 2005.